

Fatores que determinam a descontinuidade das empresas: um estudo sob o ponto de vista dos contadores na cidade de Montes Claros (MG)

Geraldo Alemandro Leite Filho (UFLA) - geraldo.alemandro@hotmail.com

Ana Flávia Guedes Figueiró (UNIMONTES) - anaflavianc@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho buscou a identificação e a análise dos fatores que, na percepção dos contadores, contribuíram para a descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros (MG). A estratégia de pesquisa utilizada foi o levantamento, com aplicação de questionários. A técnica de amostragem aplicada foi a amostragem probabilística aleatória simples. Os sujeitos da pesquisa foram os contadores cadastrados no Conselho Regional de Contabilidade CRC-MG, que realizam atividades junto às empresas na cidade. Foram utilizados recursos estatísticos descritivos para organizar os dados e analisar os dados. A pesquisa identificou que os fatores financeiros foram os determinantes para a descontinuidade das empresas e que aliados a eles podem estar acelerando esse fenômeno: carga tributária, o desconhecimento do mercado onde a empresa atua, o mau relacionamento com os clientes, deficiência na gestão empresarial, má administração do fluxo de caixa e a falta de conhecimentos e habilidades administrativas do empresário.

Palavras-chave: *Descontinuidade. Contabilidade. Gestão empresarial*

Área temática: *Novas Tendências Aplicadas à Gestão de Custos*

Fatores que determinam a descontinuidade das empresas: um estudo sob o ponto de vista dos contadores na cidade de Montes Claros (MG)

Resumo:

Este trabalho buscou a identificação e a análise dos fatores que, na percepção dos contadores, contribuíram para a descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros (MG). A estratégia de pesquisa utilizada foi o levantamento, com aplicação de questionários. A técnica de amostragem aplicada foi a amostragem probabilística aleatória simples. Os sujeitos da pesquisa foram os contadores cadastrados no Conselho Regional de Contabilidade CRC-MG, que realizam atividades junto às empresas na cidade. Foram utilizados recursos estatísticos descritivos para organizar os dados e analisar os dados. A pesquisa identificou que os fatores financeiros foram os determinantes para a descontinuidade das empresas e que aliados a eles podem estar acelerando esse fenômeno: carga tributária, o desconhecimento do mercado onde a empresa atua, o mau relacionamento com os clientes, deficiência na gestão empresarial, má administração do fluxo de caixa e a falta de conhecimentos e habilidades administrativas do empresário.

Palavras-chave: Descontinuidade. Contabilidade. Gestão empresarial.

Área temática: Novas tendências aplicadas à Gestão de Custos

1 Introdução

Para a Contabilidade, a entidade é um organismo vivo que irá operar por um longo período de tempo (indeterminado) até que surjam fortes evidências em contrário. A continuidade refere-se ao ambiente que a entidade atua, sendo para a Contabilidade a premissa de que uma entidade irá operar por um período de tempo relativamente longo e esta premissa só é abandonada quando um histórico de fatores sinalizarem uma descontinuidade.

Todos os mecanismos criados com o intuito de garantir a uniformidade e regulamentar a Ciência Contábil foram criados para que a Contabilidade pudesse assegurar os patrimônios das entidades, dando condições assim, à sua continuidade. Os Postulados, princípios e convenções foram criados para auxiliar à gestão das entidades, e a não observância deles podem levar a descontinuidade das entidades.

Por trás da criação de uma empresa está todo o potencial que ela poderá trazer, não somente para sua parte constituinte como para o meio em que está inserida. Entretanto, muitas empresas não conseguem sobreviver por muito tempo em um mercado competitivo. A dinâmica e o crescimento da economia dos países em desenvolvimento dependem em grande parte da capacidade de criar empresas capazes de sobreviver para gerar trabalho, renda para população por longos períodos de tempo, para alcançar assim um posicionamento adequado na economia mundial.

Apesar da representatividade econômica de empresas brasileiras, elas encontram significativas dificuldades para condução de suas atividades e permanência no mercado. Para Motta (2000) são vários os fatores que provocam esta vida efêmera: a opressão das grandes empresas, limitações do mercado, dificuldades na obtenção de recursos financeiros, o gerenciamento do capital de giro, a carga tributária elevada. No entanto, segundo o autor, além desses fatores existem os que são altamente influentes à empresa: a baixa capacidade para gerir os negócios.

O alto índice de mortalidade de empresas é um problema que compromete o crescimento de números de empresas e da economia. Há uma suscetibilidade para o fechamento de empresas, principalmente nos primeiros anos de existência. Segundo o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005) em torno de 70% das empresas não superam as dificuldades iniciais inerentes ao ambiente empresarial e encerram suas atividades nos três primeiros anos e meio de atividade. Informação comprovada pelo último estudo realizado sobre Mortalidade de Empresas pela Fundação Universitária de Brasília – FUBRA (2004) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2004). Para as empresas constituídas na Junta Comercial De Minas Gerais nos anos de 2002, 2001 e 2000, a taxa de mortalidade encontrada foi de 45% para aquelas com até 2 (dois) anos de existência, 50% no caso de estabelecimentos com até 3 (três) anos e 47,4% não permanecem no mercado além dos 4 (quatro) anos (SEBRAE, 2004).

O estudo dos diversos fatores que provocaram o encerramento das atividades operacionais de uma empresa tem motivado pesquisas na área. Apesar da relevância do assunto há ainda um número pequeno de pesquisas relacionadas, principalmente no caso brasileiro.

As pesquisas mais recentes no Brasil datam da última década. O SEBRAE e a FUBRA realizaram pesquisa por amostra nas 12 Unidades da Federação, identificaram as taxas de mortalidade nas Empresas de Pequeno Porte nas cinco regiões do país, para empresas constituídas nos anos de 2000, 2001 e 2002, com empresas constituídas e registradas nestes anos e os principais fatores que provocaram a descontinuidade de suas atividades. Ainda, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através do Cadastro Central de Empresas, divulgado em 2000, expôs sobre o assunto delimitando as empresas constituídas entre 1999 e 2000. Em 1997, o mesmo Instituto divulgou pesquisa sobre a sobrevivência das unidades locais criadas neste ano, a permanência das empresas no mercado em uma análise setorial envolvendo as cinco regiões do país. Pode-se citar ainda artigos, teses e dissertações sobre a Mortalidade de Empresas em diversas regiões do Brasil (ANDRES e HERMANN, 2005; ERCOLIN, 2007; ESPINHA e MACHADO, 2005; FERREIRA, 2006).

Numa abordagem internacional, destaca-se a Global Entrepreneurship Monitor (GEM), pesquisa liderada pela London Business School e o Babson College (EUA) cuja proposta é avaliar o Empreendedorismo no mundo a partir dos indicadores comparáveis. Em 1999 realizou seu primeiro ciclo, envolvendo mais de 40 países, inclusive o Brasil. Aperfeiçoada a cada ano, a pesquisa confirma a postura empreendedora do povo brasileiro. Na edição de 2008, o Brasil ficou em 13º lugar no ranking do empreendedorismo, sendo a taxa de empreendedores em estágio inicial (TEA) do país de 12,02%, atrás de países como a Bolívia e Peru, primeiro e segundo colocados na pesquisa.

Devido à importância das empresas locais como fonte geradora de recursos é que se faz necessário isolar os aspectos causadores de sucesso ou fracasso, para se entender todos os fenômenos que direta ou indiretamente influenciam na continuidade operacional de empresas, informando ao empresário o melhor caminho a se percorrer na gestão de seus negócios para se alcançar a efetividade e o sucesso empresarial. O conhecimento das causas é de fato importante condição para possível criação de instrumentos capazes de minimizar os índices de mortalidade em empresas, como políticas de incentivo à criação e sobrevivência destas.

Pela preocupação em saber as dificuldades enfrentadas pelas empresas extintas, o propósito desta pesquisa foi investigar os fatores que causaram, sob o ponto de vista dos contadores, a descontinuidade de empresas da cidade de Montes Claros (MG). De forma específica, verificou-se sob o aspecto financeiro, mercado, macroeconômico, estrutura, administração estratégica e comportamento empreendedor quais foram os motivos para a descontinuidade das atividades das empresas.

2 Revisão de literatura

A criação de novos negócios é uma das causas da prosperidade social, econômica e financeira. A criação de estabelecimentos é, em geral, uma dinâmica desejável, na medida em

que permite a geração de novos empregos e de oportunidades para a sociedade, além de contribuir para o aumento da competitividade e a eficiência econômica (SANTOS, 2007). São as empresas, as responsáveis pela geração de alto volume da renda nacional e condições excepcionais na criação ou implementação de inovações e oportunidades.

Assim, aspectos como administração, recursos pessoais, finanças, mercado e produção devem ser atentados para que se almeje uma gestão eficaz, fazendo necessária a adoção de instrumentos, como um planejamento a longo prazo, onde a organização mantenha um fluxo de caixa equilibrado, rentabilidade, baixo grau de inadimplência, controle de despesas, capacidade de negociar, atenção aos clientes, clima organizacional harmonioso, entre outras coisas. Assim, a empresa estará visando sobreviver no mercado e um retorno aceitável para seu investimento.

As empresas passaram e passam por um processo evolutivo, e tal processo é necessário para a sobrevivência de qualquer negócio em um mercado competitivo. Para Degen (2005) as empresas passam por estágios em seu desenvolvimento sendo que nem todas elas evoluem igualmente, algumas saltam estágios, outras desenvolvem estágios paralelamente, outras, ainda, param de crescer e pouquíssimas chegam a percorrer todos os estágios.

Para a empresa garantir sua sobrevivência em meio às inovações e adversidades, necessário se torna que ela mantenha uma capacidade de adaptação e mudança em relação a seu ambiente. A turbulência no ambiente empresarial gera um clima de incerteza para a tomada de decisões. Assim, o planejamento estratégico e até conceitos mais amplos como gestão estratégica passaram a se incorporar como ferramenta de controle da turbulência ambiental (OLIVEIRA, 1986). Por outro lado, muitas empresas adotam outras formas de gestão, com características mais reativas, consumindo esforços gerenciais e recursos que não são utilizados pela gestão estratégica (ERCOLIN, 2007).

A maior parte dos registros sobre o desaparecimento de empresas não apontam de maneira confiável a causa da cessação das mesmas e poucos países exigem a notificação do registro (ERCOLIN, 2007). Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2002) uma das formas para descobrir se a empresa desapareceu tem sido a verificação se a produção está zerada e se não há empregados.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005) em seu estudo sobre a demografia de empresas no Brasil, realizado a partir das informações do Cadastro Central de Empresas, apresentou o número de empresas criadas e a relação de pessoal ocupado total e assalariado no ano de 2005. Juntamente com a relação das empresas criadas há uma relação das que foram extintas no mesmo período. De acordo com os dados divulgados pelo Instituto, surgiram 722 mil empresas e foram extintas 544 mil no ano de 2005, resultando um superávit positivo de 248 mil novas empresas, o que corresponde a uma taxa de entrada de 16,3% e a uma taxa de saída do mercado de 11,2%. As empresas extintas deixaram de ocupar 961 mil postos de trabalho, o que ocasionou um prejuízo social enorme, como o desemprego e a concentração de renda, além do prejuízo particular causado ao empreendedor mal sucedido, que muitas vezes utilizou recursos poupados por toda a vida para constituir o seu próprio negócio (IBGE, 2005).

Segundo o SEBRAE (2004) projetaram-se os percentuais de taxas de mortalidade sobre o número total de empresas registradas nos anos de 2000 a 2002, podendo desta maneira estimar o custo social total advindo do encerramento das atividades empresariais: estimou-se o crescimento das taxas de desemprego e da atividade informal. Pressupuseram-se desperdícios potenciais da ordem de R\$ 19,8 bilhões de inversões na atividade econômica, decorrente do encerramento das atividades empresariais no período de 2000 a 2002.

No mesmo ano confirmou-se que, 42% das empresas brasileiras tinham menos de (5) cinco anos de idade, enquanto apenas 3% apresentavam 30 anos ou mais. E que, num mesmo

grupo de empresas criadas em 1997, quase metade já tinham encerrado as atividades sete anos depois (IBGE, 2005).

A maioria das empresas que nasceram e morreram no país foram empresas de pequeno porte e pertencentes ao setor comercial. No Brasil, bem como na maior parte dos países, as micro e pequenas empresas respondem, pela grande maioria das unidades produtivas criadas anualmente. Assim também constituem a grande maioria das unidades que são fechadas a cada ano (SEBRAE, 2004). A maioria das empresas alvo da pesquisa do SEBRAE, que nasceram e morreram contam com um número pequeno de empregados. As que têm quatro funcionários concentram 94% das empresas criadas e 61,9% do pessoal ocupado em novos empreendimentos. O mesmo ocorre com empresas extintas sendo que, 96,7% delas tinham até quatro funcionários. A mortalidade incidente nestas pequenas empresas pôde ser explicada em princípio, segundo o SEBRAE (2004) pela dificuldade de crédito, menor capacidade competitiva e dificuldade de adaptação ao ambiente e suas mutações.

Na última pesquisa realizada pelo SEBRAE Nacional, no período entre 2000 e 2002, sobre a mortalidade de empresas envolvendo doze unidades da federação apurou-se a taxa de mortalidade da empresa para até três anos após a sua criação. Conforme a unidade da federação, esta taxa variou de cerca de 30% até 61%, no primeiro ano de existência da empresa, de 40% até 68%, no segundo ano, de 55% até 73%, no terceiro período do empreendimento. Na segunda etapa do trabalho, procurou-se identificar fatores condicionantes dessa mortalidade, cotejando-se os resultados de entrevistas realizadas junto a empresas extintas e empreendimentos em atividade.

No último levantamento realizado pelo SEBRAE de São Paulo em 2008, onde foi monitorada a sobrevivência e mortalidade de empresas paulistas no período de 1997 a 2007, foi revelado que 27% das empresas fecharam em seu 1º ano de atividade, 38% encerraram suas atividades até o segundo ano, 46% fecharam antes do terceiro ano, 50% não concluíram o quarto ano, 62% fecharam até o quinto ano e 64% encerraram suas atividades antes de completar seis anos de atividade, como demonstrado no Gráfico. 1. Percebeu-se uma tendência à queda desta taxa ao longo do tempo, para empresas com um, dois, três e quatro anos de atividade.

A descontinuidade de uma empresa traz reflexos negativos para uma sociedade, seja de forma direta, através do desemprego causado, que acaba por diminuir a qualidade de vida familiar de seus ex-funcionários, seja de forma indireta, afetando fornecedores e clientes. Considera-se traumático o fechamento de uma empresa e sua interferência é, contudo negativa em uma economia local.

A descontinuidade operacional pode ser o resultado de inúmeros fatores ligados a gestão, a empresa, ao empreendedor ou ao ambiente externo. Sendo sua morte ou desaparecimento considerado como a dissolução de uma combinação de fatores de produção (OCDE, 2002). Para alguns estudiosos na área não há um fator isolado sendo o responsável pela descontinuidade de uma empresa e sim, um conjunto deles, como referencia BEDÊ e AZZONI (1999) e (SEBRAE, 2004).

Muitas vezes a mortalidade empresarial é considerada como sinônimo de fracasso. Entretanto existe uma distinção entre as causas de encerramento de um negócio e situações que ensejam e caracterizam o fracasso. Para compreender o fracasso empresarial é preciso conhecer as causas que a empresa deixou de atuar no mercado. De acordo com Espinha e Machado (2005) uma empresa pode encerrar suas atividades por uma combinação de fatores internos e externos. Os fatores internos, segundo os autores, compreendem: falta de habilidade gerencial, fraca gestão estratégica, falta de capitalização, falta de visão, falha no design do produto, falha na competência pessoal básica, fraca utilização de capital de terceiros e falha no tempo de fabricação de produtos. Entre os fatores externos estariam, por exemplo, a baixa cooperação dos acionistas e problemas nas condições externas de mercado. Os mesmos

autores em um estudo comparativo com empreendedores e investidores apontaram como causas do fracasso os fatores internos.

Fracasso pode ser entendido como o resultado de uma situação que leva a empresa a encerrar suas atividades, deixando de operar no mercado por diferentes motivos. Diferencia-se o fracasso do simples fato de deixar os negócios como um ato voluntário ou não. Assim quando o encerramento das atividades de uma empresa se der por uma decisão voluntária, trata-se de uma situação de abandono de negócios. O fracasso é reflexo de uma decisão involuntária que resulta no fechamento de uma empresa como a falência, o descrédito (ESPINHA e MACHADO, 2005).

Geralmente estudos não apontam distinção entre fracasso, mortalidade, declínio e falência. Situações são analisadas como sinônimos de fracasso, mas podem conduzir a diferentes resultados. A falência, por exemplo, não resulta necessariamente no término da empresa (HISRICH e PETERS, 2004).

Muitos pesquisadores procuraram compreender os fatores que ensejam a descontinuidade empresarial. Algumas conclusões estão descritas abaixo:

As causas identificadas que levaram ao insucesso de empresas no Brasil e confirmadas pelo estudo “Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil” (SEBRAE, 2004) revelou que um dos principais fatores que tem contribuído para essa situação é a falta de capital de giro (45,8% das respostas), elemento crucial para o fechamento das empresas segundo os empresários, vindo a seguir a elevada carga tributária (41,7%), fator apontado em diversas pesquisas realizadas pelo SEBRAE. Acrescentando aos dois fatores problemas financeiros, concorrência muito forte, existência de maus pagadores, falta de clientes, localização inadequada, recessão econômica e ausência de habilidades para gerenciar o negócio. A pesquisa SEBRAE afirma que “a alta mortalidade das empresas no Brasil está fortemente relacionada, em primeiro lugar, a falhas gerenciais na condução dos negócios, seguida de causas econômicas conjunturais e tributárias” (SEBRAE, 2004, p.16).

Durante os dez anos de monitoramento da mortalidade de empresas paulistas o SEBRAE-SP (2008) verificou que, em geral, as causas do fenômeno de mortalidade sofrem pouca variação. A cada novo estudo, constatou-se também que não é possível atribuir a um único fator a causa da mortalidade das empresas.

Dentre os fatores contribuintes para o encerramento prematuro dos negócios de empresas paulistas, foram identificados e apresentados na tabela 2, a seguir, seis conjuntos de fatores e a evolução dos mesmos comparados a pesquisa inicial realizada em 1999, que se resume em: ausência de um comportamento empreendedor, falta de planejamento prévio, gestão deficiente do negócio, insuficiência de políticas de apoio, flutuações na conjuntura econômica e problemas pessoais dos proprietários.

Para o SEBRAE-SP (2008) comparativamente às pesquisas anteriores, ao longo de dez anos, cresceu a preocupação do empreendedor em avaliar melhor seu perfil pessoal, realizar o planejamento do negócio e buscar informação antes de investir seus recursos num empreendimento. Evidenciou-se nos últimos tempos um conjunto de fatores que contribuíram para a melhora em termos de sobrevivência de empresas: Melhoria no ambiente dos negócios; Melhoria no perfil dos empresários; Melhoria no perfil das empresas; Melhoria no planejamento prévio (mas não na gestão empresarial).

Cher (1991) atribui a mortalidade das pequenas empresas a algumas causas principais: Inexperiência no ramo de negócios: falta de informação e conhecimento prévio ocasiona falta de competência administrativa, falta de resistência e incapacidade de assumir riscos; Efeito sanduíche: as empresas compram de grandes fornecedores e vendem para grandes clientes e dessa forma, os preços acabam sendo impostos tanto por parte do fornecedor, com a matéria-prima, quanto pelos compradores com o produto final. Nessa situação, a empresa acaba sendo “devorada”; Legislação Tributária; Baixo volume de crédito e financiamento; Mão-de-obra

desqualificada; Atendimento excessivo de objetivos pessoais; Obsolescência de métodos, equipamentos e mentalidade empresarial; Falta de comunicação entre sócios, funcionários, fornecedores, clientes.

Degen (2005) concorda que a falta de conhecimento e habilidades administrativas, mercadológicas, financeiras e tecnológicas são grandes razões para o insucesso empresarial. Sendo razões mais importantes: Falta de experiência empresarial; Conhecimento inadequado do mercado; Insuficiência de disponibilidade de capital para iniciar o negócio; Problemas de qualidade de produto; Localização errada; Erros gerenciais no desenvolvimento do negócio; Capitalização excessiva em ativos fixos; Inadimplência de credores; Ineficiência de marketing e vendas; Excessiva centralização gerencial do empreendedor; Crescimento mal planejado; Atitude errada do empreendedor para com o negócio; Erro na avaliação da reação do concorrente; Rápida obsolescência do produto; Abordagem incorreta de vendas; Problemas de produção do produto; Escolha do momento errado para iniciar o empreendimento; Falta ou erros de planejamento do empreendimento, como na projeção de vendas, de custos e do fluxo de caixa.

A Pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) realizada em 2000 aborda que os grandes entraves para as empresas estão no acesso ao capital necessário e em seu custo, na elevada carga de tributos e nas exigências fiscais e legais e na capacitação para gestão do negócio. Pode-se, ainda, somar a este problema as questões relacionadas à inadimplência, dívidas e desgastes emocionais provocados pela falência. Isto acaba comprometendo o próprio “nome” do empreendedor, uma vez que no Brasil, mais difícil que legalizar uma nova empresa é encerrá-la.

Em Maringá, no estado do Paraná, atribui-se a mortalidade precoce de empresas aos problemas financeiros, elevada carga tributária, concorrência acirrada e falta de clientes, principalmente (PREVIDELLI, 2001). Uma pesquisa do mesmo gênero na cidade de Londrina, Dutra (2003) ratificou as mesmas causas sobre a mortalidade da cidade de Maringá, acrescentando aos fatores problemas particulares do empresário, falta de crédito e a concorrência forte.

Em São José dos Campos em pesquisa com empresários da cidade, concluiu que os três principais fatores que interferiram na gestão dos empreendimentos foram a falta de clientes, escassez de capital de giro e a carga tributária elevada. Além de fatores com participação significativa: ponto inadequado, recessão econômica do país, inadimplência. (FELIPPE et al 2000).

De acordo com o estudo anteriormente citado os motivos que levaram ao encerramento das atividades empresariais na cidade de São José dos Campos parecem estar mais associados à falta de conhecimento sobre o mercado atuante como também a falta de conhecimentos sobre a própria gestão administrativo-financeira, pois parcela importante dos proprietários das empresas que se extinguíram não possuía experiência anterior no ramo de atividade onde estava atuando. Além disso, apenas 17,64% dos proprietários entrevistados possuíam curso superior, fator considerado relevante, exercendo impacto significativo na sobrevivência das empresas.

Fatores responsáveis pelo encerramento de atividades de uma empresa foram classificados em três categorias diferentes e inter-relacionadas por De Mori (1998), Espinha e Machado (2005), Yonemoto (1998), sendo eles: os fatores externos, fatores internos e fatores relacionados ao empreendedor. Yonemoto (1998) observou a influência dos fatores externos e internos no sucesso ou fracasso nas empresas de pequena dimensão, verificando que empreendedores, em geral, entram nos mercados despreparados, e que técnicas e habilidades administrativas são áreas decisivas para o sucesso.

As causas de insucesso estão relacionadas a fatores externos (política, economia, instabilidade de mercado, etc.), fatores internos (fluxo de caixa, finanças, aperfeiçoamento de

produto, divulgação, vendas, comercialização, não busca assessoria técnica/profissional, etc.) e fatores relacionados ao perfil do empreendedor (falta de capacitação, competência gerencial, problemas de sucessão, etc.). Problemas na gestão da empresa podem determinar sua descontinuidade, como anteriormente mencionado. O fracasso da empresa aqui é influenciado por problemas gerenciais como o dimensionamento do capital, a quantidade de sócios considerada por Dutra (2003) e Previdelli (2001) “como possível determinante da mortalidade das empresas”, além da falta de um plano de negócios, falta de inovação nos produtos e desconhecimento de mercado e outros fatores.

De acordo com De Mori (1998), os fatores internos são os relacionados diretamente ao funcionamento da empresa e que podem ser modificados por ela. “A análise interna tem por finalidade colocar em evidência as deficiências e qualidades da empresa que está sendo analisada, ou seja, os pontos fortes e fracos da empresa deverão ser determinados diante da sua atual posição produto-mercado” (Rebouças, 1991, pág. 94). Outro fator que pode estar relacionado à mortalidade de empresas é o ambiente. Problemas como falta de crédito, inadimplência e a falta de poder aquisitivo dos clientes são fatores que determinam a mortalidade de empresas (GREATTI, 2003). Além de fatores macroeconômicos como recessão econômica, a concorrência e fatores específicos como morte dos sócios, falta de sucessores, assaltos, roubos, e incêndio (ESPINHA e MACHADO, 2005).

Greatti (2003) em seu estudo relacionou as causas da descontinuidade empresarial a falta de características empreendedoras do empresário, analisando suas habilidades, competências, comportamento e características individuais que em conjunto formam o perfil empreendedor, analisando as habilidades, competências, comportamento e características individuais que em conjunto formam o perfil empreendedor.

Em Minas Gerais numa pesquisa realizada sobre os fatores que influenciam na longevidade de empresas foi realizada também pelo SEBRAE em 1997, tendo o propósito de averiguar a taxa de mortalidade para os anos iniciais de vida de empresas, formalmente constituídas no Estado, nos anos de 1995 e 1996. A pesquisa revela que o primeiro ano de vida representou, em geral, o período de maior risco na vida de qualquer empresa, quando ela procura se firmar no mercado, testar a aceitação do seu produto e criar seus mecanismos e instrumentos de gestão e controle.

Dados consolidados do Departamento Nacional de Registro do Comércio (DNCR, 2004) informaram que apenas 10% dos estabelecimentos encerram suas atividades formalmente, isto é, protocolam nas respectivas “juntas comerciais” o pedido de “baixa” no registro da empresa. Os principais motivos alegados para este comportamento são o custo elevado e o desconhecimento do processo de “baixa” no registro da empresa, sendo que a maioria também diz possuir a esperança de reativar as atividades (SEBRAE, 2004). As estatísticas oficiais referentes à extinção de empresas não expressam a realidade brasileira, pois muitos negócios fecharam as suas portas sem dar baixa nas instituições de registros oficiais (AZEVEDO, 1992).

Estudos comprovaram que a taxa de mortalidade se reduz com o porte e a idade do estabelecimento, resultados que se mantêm para diferentes países e períodos de análise. Dunne, Roberts e Samuelson apud Motta (2000), ao investigarem o comportamento de 200 mil estabelecimentos da indústria americana criados no período 1967 a 1977, mostraram que, em geral, as taxas de mortalidade declinam com a idade. Apontam ainda que as unidades menores têm uma taxa de mortalidade maior, enquanto as grandes unidades vinculadas a uma matriz têm taxas menores dentre o conjunto de grandes estabelecimentos.

3 Abordagem metodológica

A pesquisa caracterizou-se como descritiva, pois descreveu os fatores que foram determinantes na descontinuidade das empresas, sob a ótica dos contadores. Quanto à

abordagem do problema, foi uma pesquisa de avaliação quantitativa que é identificada pelo uso de ferramentas estatísticas na coleta e no tratamento dos dados (BEUREN, 2003).

A estratégia de coleta de dados utilizada foi o levantamento. Utilizou-se uma mensuração quantitativa de dados qualitativos, através da técnica de coleta de dados por meio do questionário estruturado com perguntas fechadas, mensuradas de acordo com a escala de atitudes de *Likert*. Esta escala foi utilizada com intervalo de concordância com relação às assertivas. Na tabulação dos dados, no cálculo da média, desvio padrão e frequência relativa, cada assertiva foi considerada com o mesmo peso.

Os questionários foram aplicados aos contadores cadastrados no Conselho Regional de Contabilidade, atuantes na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no período de abril a maio de 2009.

O desejo inicial foi de realizar a pesquisa com os empresários que tiveram as organizações desconstituídas, entretanto, devido às adversidades e a dificuldade de encontrar uma listagem das empresas encerradas na cidade em um determinado período e de encontrar os empresários que seriam alvo da pesquisa, optou-se pela realização da pesquisa com os contadores, subtendendo que estes são conhecedores das mudanças que envolvem a empresa e capacitados de descrever e citar quais foram os fatores que provocaram a descontinuidade das empresas sob sua responsabilidade. Os questionários foram deixados com os respondentes e recolhidos após respondidos, sendo que todos foram submetidos às mesmas perguntas e às mesmas alternativas de respostas, previamente definidas. Escolheu-se este tipo de instrumento de coleta de dados em função da facilidade em obter as informações e das questões a serem pesquisadas.

O dimensionamento da amostra foi feito considerando-se o erro a um máximo de 10% nas inferências sobre as características da população, com um nível de confiabilidade de 90%. Do universo formado por 301 contadores, extraiu-se uma amostra de 55 contadores, os quais foram aplicados os questionários. A amostra correspondeu a 18,27% do universo. Utilizou-se a técnica de amostragem probabilística aleatória simples com reposição.

Antes da aplicação dos questionários foram realizados dois pré-testes, com dois contadores, para verificar a coerência dos termos, possíveis falhas, inconsistências, complexidade de questões formuladas, ambigüidade, exaustão etc. Isso com o intuito de eliminar possíveis falhas na execução da coleta de dados, verificando assim os critérios de validade e confiabilidade do mesmo. O pré-teste foi realizado mediante a aplicação prévia do instrumento de coleta de dados a elementos que pertencem à população pesquisada. Observou-se com o pré-teste uma dificuldade na obtenção de respostas, visto a generalização dos fatores expostos e questionados em uma única pergunta, além da exaustão do respondente devido à extensão das perguntas. Foi proposta então, uma categorização de fatores, onde os mesmos foram apresentados em grupos de fatores, com o intuito de uma melhor orientação e subdivisão das perguntas, visando uma melhor organização, coleta e análise dos dados.

4 Resultados

A forma de análise buscou organizar as respostas dos sujeitos respondentes em grupos de fatores que poderiam determinar ou não a descontinuidade das empresas sediadas na cidade de Montes Claros (MG). As perguntas possuíram ordem de preferência, onde o respondente atribuiu a cada resposta importância classificada em um nível de 0 a 10, sendo 0 de menor importância e 10 de importância máxima. Na análise dos dados utilizou-se a média das respostas, o desvio padrão e o coeficiente de variação de cada assertiva.

Os fatores determinantes para a descontinuidade foram apresentados e discutidos categoricamente, levando em consideração: o aspecto financeiro, os fatores ligados ao mercado, fatores macroeconômicos, fatores relacionados à estrutura, à administração estratégica e ao comportamento empreendedor do empresário. Nesta dimensão de análise,

buscou-se ao final da categorização dos fatores, apresentar dentre eles, aquele que para o respondente é o fator primordial e provocante da descontinuidade das empresas.

4.1 Descontinuidade das empresas relacionada ao aspecto financeiro

Problemas financeiros podem ser entendidos como as causas atribuídas à má gestão dos recursos e a forma como foram adquiridos e usados. Segundo verificação empírica, sob o aspecto financeiro, os respondentes atribuíram à descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros, à “falta de controle financeiro” por parte de seus administradores. Esta assertiva, “falta de controle financeiro”, apresentou a maior média de resposta, 8,98, com um coeficiente de variação de 16%, resultado próximo da nota máxima sugerida como resposta aos sujeitos respondentes. Seguindo a ordem de ocorrências das repostas, a “falta de planejamento financeiro”, foi apontado como o segundo fator financeiro determinante na descontinuidade das empresas, com 8,88 de média. Esta verificação coaduna com a pesquisa do SEBRAE realizada nas 12 federações “Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil” (SEBRAE, 2004) e com os autores Ercolin (2007) e Previdelli (2001), que apresentaram dentre os principais fatores determinantes para a descontinuidade empresarial os motivos supracitados.

Depois das dificuldades relacionadas com a falta de controles financeiros e a falta de planejamento financeiro, o maior entrave para a continuidade das atividades das empresas foi a “falta de capital de giro”, que indica descontrole do fluxo de caixa. Sendo que, por meio das respostas atribuídas pelos respondentes, verificou-se uma média de 8,13 nas respostas, com uma variância de 21% e um desvio padrão de 1,69. Sob a análise das respostas, verificou-se que uma administração inadequada do Capital de Giro resultou em sérios problemas financeiros, o que contribuiu para uma situação de insolvência para as empresas pesquisadas.

Independentemente do setor de atuação, uma dificuldade do empresário é a gestão financeira de seu negócio. Necessita-se para um eficiente controle financeiro ter inicialmente um orçamento, saber quanto se tem de receita, custos e despesas e o quanto precisa para sua sobrevivência. Uma eficiente gestão financeira é composta por uma boa análise dos números da empresa, ter claro, por exemplo, o porquê daquele resultado. Necessário se torna possuir uma reserva financeira para proteger-se de imprevistos e defender-se da indisponibilidade de capital, sendo que a “falta de recursos gerados a partir do resultado em forma de lucro” e a “falta de crédito” são também causas da descontinuidade das empresas, sob a opinião dos contadores, como observado na tabela 1. Respectivamente obtiveram as duas assertivas em média nota 7,06 e 6,85.

TABELA 1- Fatores financeiros relacionados à descontinuidade

FATORES FINANCEIROS	Média	DP	CV
Falta de capital de giro	8,13	1,69	21%
Falta de capital próprio	7,06	1,91	27%
Falta de crédito	6,85	2,53	37%
Não uso de capital próprio/reinvestimento dos lucros	6,17	1,84	30%
Indisponibilidade de capital para iniciar os negócios	6,65	1,97	30%
Falta de dimensionamento de capital	6,79	1,60	24%
Falta de planejamento financeiro	8,88	1,34	15%
Falta de controles financeiros	8,98	1,41	16%
Capitalização excessiva em ativos fixos	5,25	2,14	41%
Média das respostas	6,75	1,03	15%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

Outros fatores apontados pelos respondentes como influentes, porém não determinantes na descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros que carecem de

atenção especial do administrador e dos sócios-proprietários, foram: falta de dimensionamento de capital, 6,79 de média nas respostas, insuficiência de capital para iniciar os negócios, 6,65, em média e não reinvestimento dos lucros auferidos que obteve em média nota 6,17, dos respondentes.

4.2 Descontinuidade das empresas relacionada ao mercado

Na visão dos respondentes, os empresários se deparam com dificuldades mercadológicas como a penetração da empresa ou do produto no mercado, concorrência com outras empresas, a instabilidade do mercado, entre outros. Sendo fatores que podem manter o sucesso do empreendimento. Quando questionados sobre os fatores relacionados ao mercado que foram determinantes no processo de descontinuidade das operações, os sujeitos respondentes elegeram que, em primeiro lugar, o principal fator dentre os relacionados foi o “desconhecimento do mercado onde os empresários atuam”. Sendo o fator, também apontado como determinante do encerramento das empresas paulistas na pesquisa do SEBRAE em 2008. Dentre as alternativas sugeridas, a alternativa apresentou em média, 8,87 de nota, em uma escala de 0 a 10, sendo que a quantificação dada à assertiva foi superior a média de respostas ligadas aos demais fatores.

Seguindo a ordem de importância atribuída pelos respondentes, na segunda colocação ficou o fator “concorrência forte”, que obteve em média, nota 7,25, apresentando um coeficiente de variação de 23% nas respostas. Necessário se torna que os empresários conscientizem desta realidade, é preciso conhecer seus concorrentes, para possibilitar políticas administrativas atraentes para os consumidores e não menos lucrativas para as entidades. Observou-se que a concorrência poderia ser um ponto a ser estudado ao iniciar um negócio, visto que a escolha do setor da economia poderia fazer uma diferença significativa no andamento e desenvolvimento da empresa. Para Ferreira (2006, p. 138) “a concorrência se mostra como fator associado à mortalidade precoce, ou seja, apenas empresas bem geridas sobrevivem, como é esperado numa economia capitalista de livre mercado e concorrência.”

TABELA 2 - Fatores ligados ao mercado relacionados à descontinuidade

FATORES LIGADOS AO MERCADO	MÉDIA	DP	CV
Concorrência muito forte	7,25	1,63	23%
Desconhecimento do mercado onde atua	8,87	1,30	15%
Preços acima do mercado	6,48	1,69	26%
Instabilidade de mercado	6,62	2,03	31%
Falta de clientes	6,96	2,20	32%
Inadimplência de credores	7,04	1,98	28%
Média das respostas	6,83	1,25	18%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

Com base nestes resultados, sugere-se aos empresários a elaboração de um plano de negócio estruturado, como uma forma de planejamento estratégico. Através dele o empresário poderia conseguir identificar certos riscos que podem ser prevenidos tais como: concorrência acirrada, falta de clientes potenciais e inadimplência, fatores aqui declarados como decisivos e impactantes na continuidade operacional.

4.3 Descontinuidade das empresas relacionada a fatores macroeconômicos

Dentre os fatores macroeconômicos apontados pelos contadores como cruciais para o término das empresas na cidade de Montes Claros destacou-se, em primeiro lugar, a “elevada carga tributária”, que obteve, em média 8,90 de resposta, em uma escala de 0 a 10, com 14% de coeficiente de variação. Coadunam com esta assertiva autores como Felipe; Ishisaki; Krom, 2000; Motta, 2000; Previdelli, 2001. Sendo que este fator apareceu com frequência nas

pesquisas dos principais institutos de pesquisa como o SEBRAE, em suas inúmeras pesquisas realizadas sobre Mortalidade de Micro e Pequenas Empresas em diversos Estados e o Global Entrepreneurship Monitor (GEM), pesquisa liderada pela London Business School e o Babson College (EUA) cuja proposta foi de avaliar o Empreendedorismo no mundo.

As pesquisas e os autores supracitados apontaram a carga tributária como principal fator na perenidade dos negócios, sendo o principal entrave para o sucesso empresarial, considerando o sistema tributário brasileiro severo para com as empresas. O Brasil é considerado um dos países onde a carga tributária corresponde a 36% do PIB do País sendo a maior carga tributária da América Latina, segundo dados divulgados pela Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), instituição de pesquisa econômica da ONU para a América Latina.

De acordo com a análise das respostas, o segundo fator apontado como determinante na descontinuidade das empresas foi “falta de políticas de apoio”, com 7,42 de nota em média. A escolha dos sujeitos revelou um descontentamento e uma necessidade de incentivo por parte das autoridades, de medidas que promovam redução de custos, concessão de crédito, aumento de benefícios que promovam o crescimento das empresas conseqüentemente o desenvolvimento de toda a economia.

TABELA 3 - Fatores macroeconômicos relacionados à descontinuidade

FATORES MACROECONOMICOS	MÉDIA	DP	CV
Recessão econômica no país	7,33	2,12	29%
Carga tributária elevada	8,90	1,26	14%
Falta de políticas de apoio	7,42	1,74	23%
Inflação/ taxa de juros	7,06	1,73	25%
Política	6,10	1,65	27%
Problemas com a fiscalização	5,38	1,78	33%
Média das respostas	6,54	1,16	18%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

4.4 Descontinuidade das empresas relacionada à estrutura da empresa

A estrutura de uma empresa pode ser entendida como a forma como as atividades de uma empresa são divididas, organizadas e coordenadas. Desta maneira quando questionou-se aos contadores, quais foram as principais causas para a descontinuidade das empresas, sob o aspecto estrutural, procurou-se identificar as dificuldades que os empresários apresentaram na utilização do que pode-se conceituar como a “ferramenta” básica para o alcance das situações almejadas pela empresa.

Como resultado das respostas dos contadores, observou-se que o “mau relacionamento com clientes” foi apontado como principal fator para o término das atividades operacionais das empresas montesclarenses. Assim como Cher (1991) em seu estudo sobre a mortalidade das empresas atribuiu a descontinuidade a algumas causas principais, dentre elas o mau relacionamento com clientes e fornecedores. Em média, os respondentes atribuíram nota 8,12 ao fator “mau relacionamento com clientes” entre uma escala de 0 a 10, sendo que o coeficiente de variância das resposta foi de 23%.

Estes dados se confirmam quando comparam-se as respostas dos sujeitos quanto ao aspecto estrutural e quanto aos fatores relacionados ao mercado, anteriormente discutido. Os respondentes atribuíram que a falta de clientes está relacionada com a descontinuidade das empresas (Vide Tabela 2).

A falta de clientes pode estar relacionada ao mau atendimento e relacionamento entre empresa e cliente, sendo importante a conquista dos mesmos, a busca e domínio de informações a seu respeito, entender seus anseios, preocupar-se com a qualidade de vida e de ter um bom relacionamento para que o negócio possa prosperar.

Em seguida com uma média de resposta de 7,83 e uma variância de 24% aparece a opção “falta de profissionais qualificados”, comprovando que um dos fatores relacionados à descontinuidade das empresas relacionou-se ao fator humano, tendo este participação na continuidade das atividades de uma organização.

TABELA 4 - Fatores estruturais relacionados à descontinuidade

FATORES ESTRUTURAIS	MÉDIA	DP	CV
Mau atendimento/relacionamento com o cliente	8,12	1,91	23%
Falta de acesso à novas tecnologias	6,88	1,75	25%
Falta de comunicação entre socios/forn.clientes	7,00	2,11	30%
Instalações inadequadas	6,85	1,82	27%
Ponto inadequado	7,10	2,09	29%
Má estratégia de vendas e marketing	7,52	1,92	26%
Falta de profissionais qualificados	7,83	1,92	24%
Obsolescência de métodos e equipamentos	5,79	2,50	43%
Perda/roubo/ incêndio	3,04	2,06	68%
Média das respostas	6,35	1,20	19%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

4.5 Descontinuidade das empresas relacionada administração estratégica

“Administração estratégica é um conjunto de orientações, decisões e ações estratégicas que determinam o desempenho superior de uma empresa a longo prazo” (DE MORI, 1998).

Ao se propor a categorização deste fator buscou-se planejar a busca dos fatores decisivos e determinantes na continuidade das empresas sob este aspecto, levando em consideração que administração estratégica se ocupa com o futuro da organização, assumindo uma filosofia da adaptação, buscando como resultado a efetividade por meio da inovação ou diversificação visando o desenvolvimento sustentado com atitudes pró-ativas, com posturas de crescimento ou de desenvolvimento (YONEMOTO, 1998).

Como se observou as duas alternativas que perfazem a não continuidade das empresas na cidade de Montes Claros apontados pelos contadores sob este aspecto foram a “deficiência na gestão empresarial” e a “má administração do fluxo de caixa”, que respectivamente obtiveram em média, nota 8,75 e 8,73 com uma variância de 14% e 15%. O resultado coaduna com a pesquisa realizada pelo SEBRAE em São Paulo (2008) sobre os fatores que provocaram o encerramento das pequenas empresas no Estado e autores como BEDÊ e AZZONI (1999), Degen (2005) e Yonemoto (1998).

Desenvolver aptidões de gestão é fundamental, para quando surgir problemas, seja encontrada a solução. Muitos empresários, sócios e gerentes não compreendem o que envolve a gestão de negócios, o que compromete o desenvolvimento da organização.

A má administração do fluxo de caixa pode trazer a empresa uma necessidade de financiamento a curto prazo, estendendo-se, a longo prazo. Como conseqüências, a organização se sucumbe a juros altos e outras despesas que oneram o caixa. Dificuldades de caixa podem provocar um descontrole financeiro.

TABELA 5 - Fatores relacionados à Administração Estratégica

FATORES ADMINISTRAÇÃO ESTRATÉGICA	MÉDIA	DP	CV
Má gestão de custos	8,27	1,70	21%
Gualidade dos produtos/serviços	7,06	2,26	32%
Falta de treinamento de pessoal	7,69	1,38	18%
Deficiência na gestão empresarial	8,75	1,25	14%
Má administração do fluxo de caixa	8,73	1,32	15%
Crescimento mal planejado	7,65	1,70	22%
Falta de investimento em pesquisa e desenvolvimento	5,98	1,98	33%

Controle de estoques precários	6,00	2,19	36%
Centralização de poder	6,33	2,21	35%
Falta de assessoria	7,15	2,00	28%
Média das respostas	6,94	1,21	17%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

4.6 Descontinuidade das empresas relacionada ao empreendedor

Os motivos apontados pelos sujeitos respondentes como causas do fechamento das empresas foram conseqüências da falta de características empreendedoras, que englobam a falta de conhecimento técnico ou do ramo e o conhecimento ou experiência na área empresarial dos empresários.

Entre as causas ligadas ao empreendedor citadas pelos respondentes como condicionantes para a descontinuidade das empresas, em primeiro lugar, aparece o fator “falta de conhecimento e habilidades administrativas”, com a maior média das respostas, 8,92 e um coeficiente de variação de 13%.

Observou-se que as empresas podem sobreviver por um período maior se os sócios tiverem experiência gerencial, conseguida, por exemplo, através de cursos e capacitações como forma de complementação as suas competências gerenciais natas ou adquiridas com o tempo (GREATTI, 2003).

Em segundo lugar, o fator “falta de conhecimento de gestão de empresas” ficou em média com 8,79 de nota atribuída pelos sujeitos respondentes e um coeficiente de variação de 15%. Com os resultados obtidos, percebeu-se que das empresas que encerraram suas atividades na cidade de Montes Claros, a competência na gestão empresarial dos empreendedores foi baixa. A falta de conhecimentos sobre gestão de empresas, a possibilidade de não exercerem eficientemente um cargo de gerência ou diretoria, bem como a falta de cursos de gestão de empresas foram determinantes para o insucesso empresarial.

TABELA 6 - Fatores ligados ao empreendedor relacionados à descontinuidade

FATORES RELACIONADOS AO EMPREENDEDOR	MÉDIA	DP	CV
Falta de conhecimentos e habilidades administrativas	8,92	1,20	13%
Falta de comportamento empreendedor	8,06	1,45	18%
Falta de dedicação ao negócio	6,54	2,40	37%
Falta de conhecimento de gestão de empresas	8,79	1,35	15%
Incapacidade para assumir riscos	7,00	1,91	27%
Ausência de planejamento prévio	8,06	1,65	20%
Problemas particulares	4,75	2,16	45%
Problemas de sucessão	4,63	2,27	49%
Falta de experiência no setor	7,35	1,53	21%
Baixa escolaridade	4,44	2,00	45%
Média das respostas	6,44	1,14	18%

Fonte: Questionários aplicados aos contadores na cidade de Montes Claros – MG.

4 Conclusão

Conforme opinião dos sujeitos foi fator determinante para a descontinuidade das empresas sediadas na cidade de Montes Claros os fatores ligados a “área financeira”, como o descontrole financeiro, falta de planejamento financeiro e a necessidade de capital, entre outros. A média de respostas dos sujeitos foi, conforme a Tabela 8, de 9,40 e um coeficiente de variação de 11%.

Assim foi constatado que o maior problema na administração dos negócios estão relacionados a obtenção de recursos e seu gerenciamento. Em segundo lugar ficou os fatores ligados a “gestão da empresa”, que em média obteve nota 9,27 dos respondentes e uma

variância de 10 %. Seguindo a ordem das médias, aparecem após os dois fatores mencionados os fatores “ligados ao mercado”, em terceira colocação com 7,71 de média e os fatores ligados “ao empreendedor”, em quarto lugar, com nota média de 7,67. E por fim, na quinta e sexta colocações estão os fatores que os respondentes consideram menos importantes na determinação da descontinuidade das empresas, sendo eles respectivamente: “fatores ligados a estrutura da empresa”, que em média obteve nota 7,29 e “fatores macroeconômicos”, com média de respostas de 6,88.

Foi utilizada no instrumento de coleta de dados, uma alternativa de resposta, onde os respondentes poderiam citar outros fatores não mencionados que foram em sua opinião decisivos para o término das operações das empresas. Quando questionados, por meio da assertiva aberta se houve(ram) outro(s) fator(es), os respondentes disseram que foi fator responsável pela não permanência das empresas no mercado a “não aplicação do princípio da entidade pelas empresas”.

Outra resposta apontada espontaneamente pelos contadores como influente na descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros está relacionada ao “aspecto regional e cultural da cidade”. A cidade de Montes Claros caracteriza-se por ser uma cidade com uma cultura peculiar, possuindo vocação agropecuária e um crescimento de empresas no ramo do comércio e serviços, além de implantações de grandes indústrias, sendo assim, considerado como o principal centro urbano do Norte de Minas. Por a cidade possuir características próprias, como o clima e sua cultura, algumas empresas possuem dificuldade de implantação e continuidade de suas atividades, não conseguindo permanecer muito tempo no mercado.

O presente estudo permitiu ao pesquisador conhecer os agentes que provocaram a descontinuidade das empresas da cidade de Montes Claros, as dificuldades enfrentadas pelos empresários e a ótica do contador sobre tal processo. Como sugestões para pesquisas futuras indicam-se: A verificação dos fatores que determinam a descontinuidade de empresas em diversos setores, ou ramos de atividades, analisarem a mesma temática em outras cidades e investigar quais são os motivos da descontinuidade das empresas, sob a ótica do empresário.

5 Referências

- ANDRES, R.; HERMANN, R. A. **Fatores associados à vitalidade e mortalidade das empresas em uruguaiana.** Uruguaiana, 2005. Disponível em: <<http://www.diretoriofaci.blogspot.com>>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- AZEVEDO, J.H. **Como iniciar uma empresa de sucesso.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.
- BEDÊ, M.A; AZZONI, C.R. **Estudo da mortalidade das empresas paulistas.** 1999. Disponível em: <<http://www.sebraesp.com.br>>. Acesso em: 25 set. 2008.
- BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2003.
- CHÉR, R. **A gerência das pequenas e médias empresas.** 2. ed. São Paulo: editora Maltese, 1991.
- DEGEN, R. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial.** São Paulo: Pearson Education, 2005.
- DE MORI, F. **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio.** Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.
- DUTRA, I. S. **Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses.** Paraná, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 26 mar. 2009.
- ERCOLIN, C. A. **Fatores financeiros determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas.** São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

- ESPINHA, P. G.; MACHADO, H. P. V. **Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas**. Guarapuava, 2005. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/capital>>. Acesso em: 25 mar. 2009.
- FELIPPE, M. C. de; ISHISAKI, N.; KROM, V. **Fatores condicionantes da mortalidade das pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos**. São José Dos Campos, 2000. Disponível em :<<http://www.www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 30 mar. 2009.
- FERREIRA, L. F. **Estudo dos fatores contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 30 out. 2008.
- FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE BRASÍLIA – FUBRA, SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Fatores Condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil**. 2004. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/mortalidade_empresas/index.asp>. Acesso em: 10 fev. 2009.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Executive report**. 2002. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org>>. Acesso em: 31 jan. 2009.
- GREATTI, L. **Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá**. Maringá, 2003. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br>>. Acesso em: 25 fev. 2009.
- HIRISH, R.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. São Paulo: Bookman, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadastro Central de Empresas**. 2005. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/cidades>>. Acesso em: 08 fev. 2009.
- MOTTA, F.G. **Fatores condicionantes na adoção de métodos de custeio em pequenas empresas**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 05 jan. 2009.
- Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico**. 2002. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 09 mar. 2009.
- OLIVEIRA, D.P.R. **Uma contribuição ao estudo dos instrumentos facilitadores da operacionalização do planejamento estratégico nas organizações**. São Paulo, 1986. Disponível em :<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 28 mar. 2009.
- PREVIDELLI, J. de J. **Mudanças organizacionais em multinacionais: estudo exploratório das EBIMs (Empresas Brasileiras Internacionalizadas no Mercosul)**. São Paulo, 2001. Disponível em :<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 28 jan. 2009.
- SANTOS, R. da C. **Manual de gestão empresarial: conceitos e aplicações nas empresas brasileiras**. São Paulo: Atlas, 2007.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE-SP . **10 Anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas**. 2008. Disponível em: <<http://www.sebraeSP.com.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2009.
- YONEMOTO, H. W. **Os fatores externos e internos e a sua relação com o sucesso ou fracasso das empresas de pequena dimensão**. Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.biblioteca.universia.net>>. Acesso em: 25 mar. 2009.